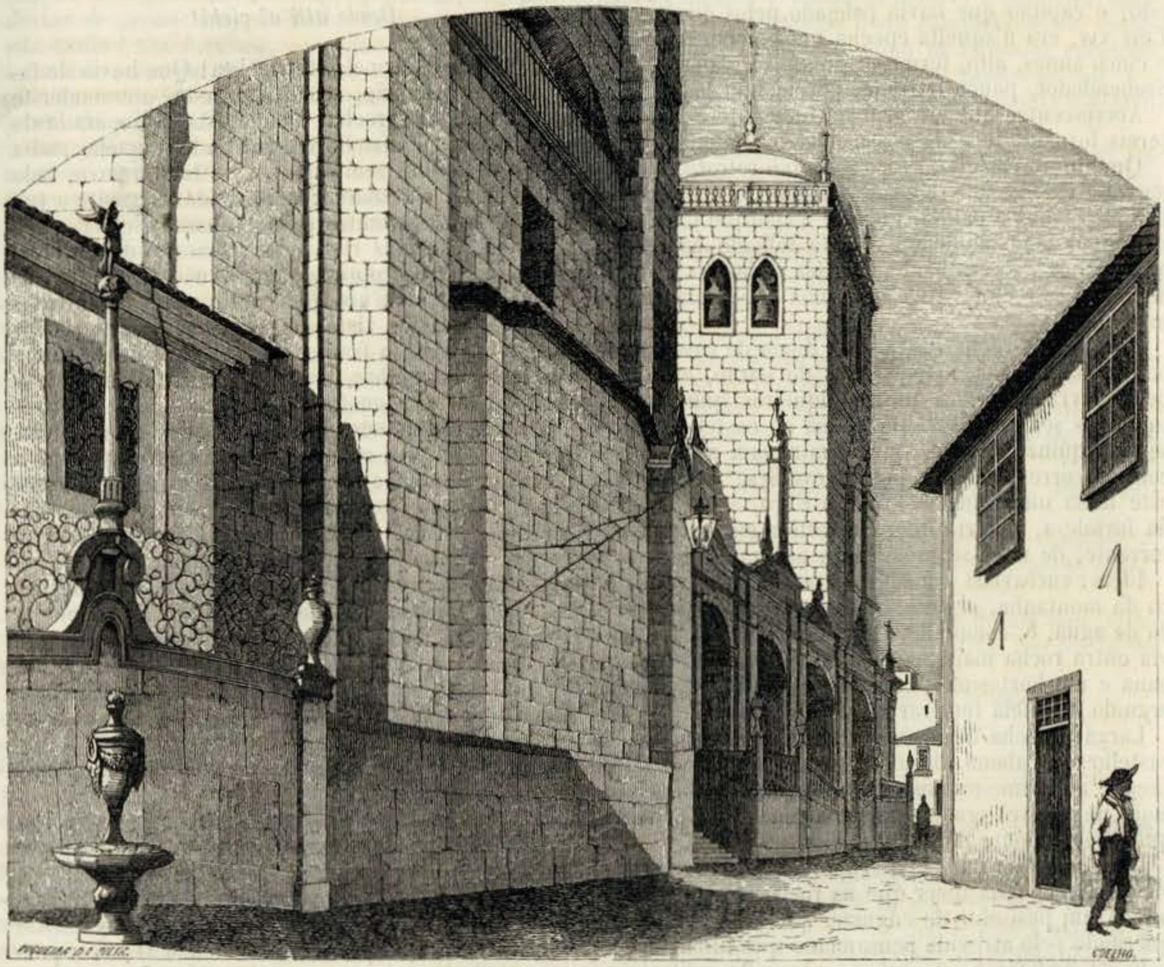


Fachada lateral da sé do Porto [1] — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Aguardando outra occasião para darmos algumas noticias historicas e descriptivas d'esta antiquissima cathedral, limitar-nos-hemos agora a indicar quanto baste para explicação da gravura junta.

A fachada, que ella representa, está voltada para o norte. Compõe-se de tres partes distinctas, construidas em differentes epochas: o corpo da egreja e o cruzeiro; e a arcada, que precede a porta travéssa.

O corpo da egreja e o cruzeiro, posto que não sejam do tempo do conde D. Henrique e de sua esposa, a rainha D. Theresa, aos quaes se attribue a fundação d'este templo, ou a sua completa reedificação, são todavia muito antigos. Suppomos que sejam da primeira reconstrucção que teve esta sé depois da morte d'aquelles soberanos. As janellas, porém, não são as da primitiva d'essa reconstrucção. Mandou-as rasgar mais, para darem maior claridade á egreja, o bispo do Porto D. Gonçalo de Moraes, que falleceu em 1617.

A arcada ou galeria, que corre por todo o comprimento do corpo da egreja, foi feita pelo cabido, séde vacante, pelos annos de 1717. Serve de amplo vestibulo á porta travéssa, e d'ahi se desfructa um bello panorama da cidade, pois que a sé está edificada em sitio eminente, e desaffrontado para o lado do norte.

Não se distingue esta obra por elegancia ou bellezas de architectura, mas sim por aquelle certo cunho de solidez e grandeza, que caracterisa as construcções do reinado de D. João v.

Vêem-se tambem na estampa uma pequena fonte com a estatua de S. Miguel, e uma das torres da frontaria principal do templo, que olha para o lado de E. As duas torres são as unicas partes, que restam da fundação do conde D. Henrique; e não é pouco para se poder ajuizar da architectura d'essa epocha da nossa historia. Felizmente ha razões para não se duvidar d'essa origem, que lhe attribuimos, o que para outra vez demonstraremos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 2 deste vol.

BOA PESCA!

TRADIÇÃO ARAGONEZA

I

Coberto de gloria e de feridas na guerra da successão, e sem dinheiro no bolso, como então acontecia a quasi todos os heroes, regressou um dia ao seu desmantelado castello, o barão de Mequinenza, para

descançar da fadiga dos acampamentos, e gozar em paz as mingoadas geiras vinculadas ao seu titulo.

Digamos duas palavras sobre o lidador, e outras duas a respeito do seu nobre solar.

D. Jayme de Mequinenza, barão do mesmo appellido, e capitão que havia pelejado pelos direitos de Luiz XIV, era n'aquella epocha um homem de trinta e cinco annos, alto, formoso, grosseiro, valente, emprehendedor, pouco lettrado, porém mui loquaz.

Accrescentae que era orphão, unigenito e solteiro, tereis formado idéa do nosso fidalgo aragonez.

Quanto ao castello, era o seu vivo retrato, menos na robustez; mas na soledade, na pobreza e altaneria, não lhe levava a palma. Figurae-o (porque já se desmoronou) meio edificado e meio talhado na rocha, que de um lado era banhada pelas ondas do Ebro, e do outro se reclinava na montanha que subia até ás nuvens.

Na base da rocha havia uma duzia de casas e cabanas habitadas pelos vassallos do barão, ou antes pelos lavradores dos quatro alqueires que constituiam os seus estados. Da aldeia ao castello subia-se por quinze rampas que terminavam n'um fosso com a correspondente ponte levadiça; alimentava este fosso uma sangria feita no Ebro, a meia legoa da fortaleza, sangria que, convertida em estrepitosa torrente, de novo se precipitava no opulento rio.

Idem: encravada tambem em um inaccessivel flanco da montanha, separada do castello por esta levada de agua, e, como elle, inclinada sobre o Ebro, havia outra rocha mais pequena, coroada por uma cabana e um hortosinho, especie de pensil babylonico erguido alli pela temeraria mão do homem.

Larga prancha de nogueira ligava, como ponte, o castello e a cabana, de modo que, se era impossivel chegar ao primeiro uma vez levantado o rastrilho, mais impossivel era chegar á segunda, supprimida que fosse a ponte de madeira.

Dissemos que na rocha senhorial vivia D. Jayme Mequinenza; falta dizer que na rocha feudataria habitava um pescador de enguias, que se estava enriquecendo pelo atrevido pensamento que tinha concebido de edificar a sua cabana n'aquella solitaria e ameaçada paragem.

O pescador, que se chamava Damião, ideára prender á ponte de nogueira uma vastissima rede, através da qual saltasse a cascata, cujas aguas, por assim dizer, encontravam nas malhas o seu leito. Mediante este artificio, todas as enguias que, arrastadas pela corrente, se viam obrigadas a dar aquelle salto para voltar ao Ebro, d'onde vinham, ficavam presas nas redes de Damião, que vendia o seu peixe aos povos circumvisinhos por um preço tão escasso, como era insignificante o trabalho de as pescar.

Visto que já conhecemos a topographia do theatro da nossa historia, passemos a mais intimas investigações.

II

Dissemos que Damião enriquecia com tão estupenda pescaria; esqueceu-nos, porém, dizer que nunca tinha real. Damião commettêra a leviandade de casar com uma rapariga lindissima, engraçada e amiga de se enfeitar, em fim, como uma *janota*.

Carmela, variante carinhosa de Carmo, ou Carmelita, como elle a chamava, era uma zagala d'aquella aldeia, que não sabia ler nem escrever, mas que tentaria o proprio Santo Antão, se este anachoreta não estivesse auxiliado pela graça de Deus. Carmelita era com effeito tentadora como o demonio. Loira, pequenina de corpo, e mais flexivel que um junco; admiravel collo, bella cabeça; andar voluptuoso, e olhar provocador; alva como a neve, corada como as tardes de maio, sã como o ar d'aquellas alturas, amorosa como a codorniz engaiolada, com uma bocca, uns olhos, uns braços, e uma trança de côr de oiro, que, como diz Salvador, poeta de Granada:

Desde alli al cielo!

Ai, Carmo, Carmela, Carmelita! Que havia de fazer o pobre Damião, senão adorar-te, e esconder-te no cimo de uma rocha, d'onde estavas separada do mundo por um castello feudal, onde ninguem podia visitar-te de dia, sem que o visse todo o povo, todo o valle, toda a comarca; nem rondar de noite a tua cabana, senão duzentos metros abaixo d'ella?

Porém, como as raparigas do merito de Carmela se amam a si proprias quando não tem quem as ame, e quando tem ainda, succedia que, apesar de viver só e sem ser vista de ninguem, á excepção do marido, gastava o fructo das pescarias do Ebro em aventaes, vasquinhas, brincos, collares e outras louçanias. Era uma janota completa.

Convencida, talvez, da sua alta missão no mundo, Carmela adornava-se todos os dias como para ir a um baile, e sentava-se á porta da sua cabana. Viam-n'a alli as aves, os arbustos, os ceos... e mais nada! Ella, porém, esperava tranquilla a hora do seu destino. O castello, visinhança unica da choça, estava completamente deshabitado — referimo-nos ao estado das coisas antes do regresso de D. Jayme de Mequinenza; e do valle distinguia-se a pescadora só, como uma flor de mil côres pendente do abysmo. Pelo ar, pois, devia vir o amante que Carmela esperava tão casquilha; dado que ella desejasse, com effeito, ter um amante.

Carmela não amava seu marido? perguntar-me-heis.

Só posso dizer-vos que era lindissima e vivia desacompanhada, porque Damião passava a maior parte do tempo vendendo enguias pela comarca.

Ora elle tinha-lhe prohibido que descesse á aldeia durante a sua ausencia; e ella obedecia cegamente a seu marido, porque assim o manda Deus, e porque não lhe agradavam os rudes aldeãos.

Dizer-me-heis que Damião era tambem um rustico aldeão, e que, por conseguinte, Carmela tambem não gostava d'elle... Não, de certo. E como havia de gostar de um homem soez e mal trajado, com as mãos callosas e espigadas, requeimado do sol, curtido pela chuva, exhalando cheiro de peixe a tres metros de distancia, ella tão aceiada, tão elegante e garrida como qualquer madrilena?

É verdade que, se o pescador andava pouco ataviado, em compensação a linda pescadora o estava sobejamente; é verdade que se o marido trabalhasse menos, a fim de cuidar alguma coisa das mãos, a mulher teria que trabalhar mais, deitando a perder as suas; é tambem certo que com aquelle pescado que exhalava tão mau cheiro, pagavam-se aquellas galas que embalsamavam o ambiente... Mas quem póde fazer reflexões a uma mulher, e sobre tudo a uma mulher de dezenove annos, tão bonita, tão leviana, e tão graciosa como as sete côres do arco iris?

A gratidão é um sentimento demasiado grave para uma rapariga, e a justiça uma idéa muito incommoda para uma imaginação risonha. A virtude depura-se no crisol da desgraça, e Carmelita era feliz.

Tudo isto significa, ou quer significar, que a bella pescadora se enamorou de D. Jayme Mequinenza, tanto que na aldeia correu o boato de que o cavalleiro regressava triumphante ao seu castello.

Voltou D. Jayme com effeito, e como o sr. barão amava-a já *em especie*, valendo-nos de uma phrase theologica, bastou vel-a para a adorar com phrenesi.

Damião, entretanto, pescava enguias.

Não obstante, desde que o barão de Mequinenza regressára ao castello, uma vaga inquietação se despertára na alma do zeloso; é que por mui enraizado que estivesse no coração d'elle e no de toda a familia o respeito devido a seus senhores, não podia deixar de pensar em que D. Jayme era namorador e sua mulher mui formosa, e em que o castello e a cabana não estavam tão distantes como a cabana da aldeia, tendo principalmente em conta a referida ponte de nogueira.

De modo que Damião pretextára sentir dores rheumaticas n'um joelho, a fim de tomar um moço que fosse vender as enguias pela comarca, para elle se não afastar da cabana senão rarissimas vezes, e por pouco tempo.

Com verdade, o pescador não andava muito desencaminhado em quanto aos seus receios.

D. Jayme e Carmelita estavam já cançados de telegraphos, como se diz hoje, e namorados perdidamente um do outro, como succedeu sempre entre dois que se olham e não se fallam. O platonismo era-lhes insupportavel; a distancia immensa; a pontesinha transitavel; só esperavam com ardor uma ausencia de Damião para se avistarem.

Tudo isto haviam-n'o dito por signaes.

III

Era uma tarde de maio; lindissima tarde.

Os dois esposos estavam ambos sentados á porta da sua cabana.

O sol que se ia esconder, ha hoje seculo e meio, era o mesmo que todos conheceis. N'aquella tarde, porém, occultava-se atraz das montanhas com tanta delonga e magestade como se não pensasse em tornar a apparecer. Era um d'esses momentos augustos em que parece que o tempo deixa de regular. Era um d'esses festejos da natureza que não passam á historia; um d'esses esplendidos e solemnes dias em que parece que o mundo chegou, pela primeira vez, ao apogeu da sua formosura, e que todo o tempo anterior fôra um periodo de adolescencia, assim como o tempo que ha de vir decadencia ou envelhecimento que terminará em nada. Era, em fim, essa hora melancolica em que o animo incerto assiste á tragedia da morte do dia como a um espectaculo novo e que não ha de repetir-se; hora em que, se por acaso vos recordaes dos entes que conhecestes e morreram, vos sentis envergonhados de viver uma vida que elles abandonaram.

Carmelita e Damião olhavam aquelle sol, cujos ultimos raios tingiam o horisonte de não sei que luz prophetica, que ia reflectir-se no seu abalado espirito. Por inculta e tosca que fosse a sua natureza, ambos sentiram n'aquelle instante, talvez pela excitação a que haviam chegado suas almas, que a declinação do sol não devia ser-lhes tão indifferente como nos outros dias; que era para elles aquella hora, hora critica e predestinada, hora de mysterio e fatalidade. E se porventura a sua limitada intelligencia não lhes permittia confiarem reciprocamente o que experimentavam, nem analysar as informes imagens da vida e da morte, das passadas venturas e das proximas dores que viam avançar pelo Oriente, á medida que o sol se occultava no Occidente; não era por isso menor a perturbação e a angustia dos dois criminosos, que ambos calados, temerosos de revelarem os seus segredos, nem se olhavam nem estranhavam a mutua reserva. E porque ha em nós, em certos momentos, uma terceira essencia, mais penetrante que a alma; e esta essencia, inaccessivel aos sentidos e á vontade, estabelecêra já entre a esposa que meditava o adulterio, e o consorte que projectava o assassinio, um equilibrio, um accôrdo reciproco, especie de dupla imaginação que poderiamos chamar atmosphera do crime, a qual lhes servia de tacito convenio, de irresoluta complicidade, para que nem um nem outro estranhasse tamanho silencio e tão injustificavel á primeira vista.

Quando se escondeu o sol completamente, ambos respiraram com força, como se tivessem concluido uma tarefa de muitas horas. A resolução dos dois era irrevogavel como a morte d'aquelle dia que principiava a agonisar.

Então olharam-se já sem medo nem reserva. Damião ergueu os olhos para o castello com altivez, e saudou o barão de Mequinenza, que tinha fitos os d'elle em Carmelita. Esta saudou o cavalheiro com extrema naturalidade. Damião, que o vira, estendeu sorrindo a perna rheumatica, e disse, voltando-se para sua mulher.

— Pois, minha amiga, estou completamente bom. Vou dar um passeio pela aldeia. Passarei alli a noite para ver se recebo uns tantos réis que me devem alguns lavradores, e regressarei ámanhã de madrugada, a fim de recolher a pesca que esta noite cair. Fica-te com Deus, Carmelita.

— Adeus, Damião — disse Carmelita machinalmente.

Nunca se haviam despedido os dois esposos d'aquella maneira; porém, nem um nem outro estranhou isso.

Damião lançou mão do chapeo e de um pau, atravessou a ponte de nogueira, e entrou nos fossos do castello.

Ainda o sol doirava o cume da montanha.

IV

Oito horas depois estava o sol de volta na porta da cabana. A tristeza e seriedade com que se occultára na vespera, haviam sido pura ficção. Via-se alli de novo, mais alegre que nunca, trepando pelo céo como se fôra a primeira vez que fizesse a viagem, e diffundindo vida e alvoroço onde quer que penetravam os seus raios. Brilhava a agua, cantavam os gallos, rasgavam-se as nuvens do Ebro como véos de gaze, adejavam os passarinhos mais preguiçosos, e moviam-se gados e pastores no fundo dos valles.

Era, com effeito, o mesmo sol que durante as oito horas de ausencia atravessára o Oceano, dera o meio dia na America, servira de Deus aos idolatras do mar pacifico, allumiára alguns matrimonios na China, tostára as raças do Indostão, beijára as pedras do Santo Sepulchro, e marcára a hora da morte a alguns gregos modernos, vindo agora, com a maior curiosidade, indagar o que era feito dos dois pescadores do alto Aragão, que deixára sentados na ultima tarde á porta da sua choça.

Em quanto a Damião, podemos dizer que tambem se encontrava n'aquella manhã mais satisfeito que na tarde anterior, se attendermos á alegria com que subia as rampas do castello, seguido de outros pescadores da aldeia, e cantando em côro a canção mais ruim que se tem rimado n'aquelle paiz.

Chegaram á ponte levadiça, que já estava levantada; atravessaram a fortaleza, que ainda jazia em silencio, e em seguida a esplanada fronteira á cabana de Damião.

— A cascata ruge bem! exclamou um pescador.

— E a pontesinha? — perguntou Damião.

— É verdade! Olhem... olhem... desmoronou-se pelos extremos... E porque, naturalmente, abateu.

— Como pôde succeder? Uma prancha de nogueira tão larga e pesada!

— Terei de comprar hoje outra, replicou Damião encolhendo os hombros. Visto isso, rapazes, ajudae-

me a tirar este par de redes antes que seja mais tarde.

E continuando a interrompida canção, principiou a tirar as redes.

— Eia! como pésa!... — exclamou o pescador — Com effeito, fizeste bom negocio!

— Pelo menos, dez arrobas — disse um segundo pescador — boa pesca!

— Acredito — acrescentou outro — pescou a ponte!

Damião sorriu-se.

— Dizeis que essa rede pésa? — gritou então outro pescador que recolhia a segunda rede — pois esta não lhe fica atraz. Pésa doze arrobas, pelo menos.

— Bom par de pedregulhos entrou nas redes! — disse um invejoso.

Damião estava sombrio, trémulo, coberto de suor.

— Uma rede pésa tanto como a outra!... — murmurou elle baixinho. Não póde ser.

E a passos lentos se dirigiu para a cabana.

No entretanto começou a apparecer a primeira rede.

Dentro d'ella encontrava-se, de feito, a prancha de nogueira, não inteira, senão metade exactamente. Era indubitavel que a ponte fôra serrada durante a noite.

Ainda se não haviam tranquillisado os pescadores da sua admiração, quando retrocederam assombrados e dando gritos.

A estes gritos respondeu na cabana, como um echo, um gemido terrivel, pavoroso, sepulchral!

Damião appareceu á porta com os cabellos hirtos, e o olhar estupido, rindo como uma furia vinda do inferno.

Os pescadores viram no fundo da primeira rede a cabeça de D. Jayme.

Damião tinha encontrado deserta a sua cabana, e intacto o leito de Carmelita.

Carmelita estava dentro da segunda rede com a outra metade da ponte.

— Tambem ella! Não contava com isso! Tambem ella! *Boa pesca!* — gritou Damião com toda a força dos polmões.

E correu de novo a encerrar-se na cabana.

Quando a justiça entrou para o prender, encontrou-o com uma serra cortando a mão direita, e gritando entre horriveis gargalhadas: *Boa pesca!*

Endoidecêra.

Grande lição se póde tirar d'esta tragedia conjugal, para que nem sombra de infidelidade matrimonial dê aso a crimes tão pavorosos como este que a tradição nos commemora.

GUTTENBERG

N'uma cella do convento de Arbogasto, sentado a um bofete, com a cabeça apoiada na mão direita, meditava um homem pallido, de longa barba, e olhar immovel. Este homem chamava-se Guttenberg.

De vez em quando erguia a cabeça scintillando-lhe os olhos por modo que pareciam illuminados por um clarão interior. N'estes extasis, João corria os dedos pela barba com um movimento de subita alegria. É que o eremita da cella monastica estava resolvendo um problema cuja solução já entrevia. De repente levantou-se soltando um grito d'alma. Era o desafogo de uma idéa por longo tempo sopeada.

João correu a um bahú que tinha ao canto da cella, abriu-o, e tirou um instrumento cortante; depois, poz-se a cortar um pedaço de madeira. Em todos os seus movimentos se revelava certa anxiedade como se temêra lhe fugisse a idéa que lhe occorrêra, diamante que achára, e queria lapidar e acrisolar para a posteridade. João cortava o páu com uma acceleridade febril, o suor corria-lhe em bagas, e os olhos inquietos não se lhe despregavam da obra que tinha entre mãos.

Durou muito tempo esta faina; acabada ella, molhou os pedaços de madeira n'um liquido negro, assentou-os sobre um pergaminho, e pondo-lhe as mãos em cima, com todo o peso do seu corpo, que lhe serviu de prensa, imprimiu a primeira letra, que tinha aberto na madeira. Depois de contemplar a sua obra, segundo grito de jubilo lhe saíu do peito. Fechou os olhos com um ar de beatitude tal, que podéra ser invejado pelos que estão no paraiso, e caíu desfallecido sobre o escabello. Quando o somno se apoderou d'elle, murmurou: sou immortal!



Estatua de Guttenberg

Guttenberg teve então um sonho que lhe agitou o espirito. «Ouvi duas vozes, diz elle, duas vozes desconhecidas que me fallavam alternativamente. Uma dizia-me:

Exulta, João, tu és immortal; d'ora ávante, a luz que tu creaste, se diffundirá por todo o mundo; os povos que vivem a milhares de legoas distantes de ti, estranhos ás idéas do nosso paiz, lerão e comprehenderão todos os pensamentos, hoje mudos, derramados e multiplicados com a reverberação do fogo, obra do teu genio! Exulta, João, és immortal, porque o teu descobrimento vae dar vida perpetua aos genios que morreriam á nascença se não fôras tu; e que, por gratidão, hão de proclamar successivamente a immortalidade d'aquelle que os immortalisou.

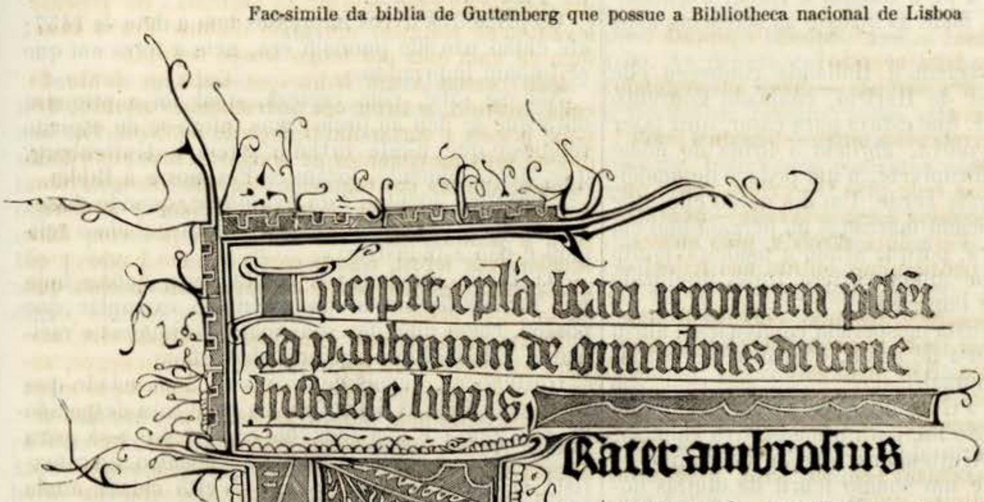
Callou-se esta voz, deixando-me entregue ao delirio da gloria. Ouvi então a outra voz que me dizia:

Sim, João, és immortal; mas porque preço! As idéas de teus similhantes serão acaso sempre puras e santas, para que mereçam ser expostas aos olhos e ouvidos de todo o genero humano?

Não ha muitas, e talvez o maior numero, que merecem antes ser mil vezes suffocadas que repetidas e multiplicadas por todo o mundo? O homem é as mais das vezes perverso, e por isso profanará o dom que lhe conferes; abusará do novo sentido com que o dotaste. D'aqui a um seculo, em vez de te abençoar, ha de amaldiçoar-te.

Homens nascerão, cujo espirito será altissimo e seductor, mas de coração perverso e corrompido; sem ti jazeriam na obscuridade, limitados a um breve circulo; não seriam nocivos, senão aos seus contemporaneos e á sua epocha; mas com o teu invento communicarão o seu espirito vertiginoso, a desgraça

Fac-simile da biblia de Guttenberg que possue a Bibliotheca nacional de Lisboa



e o crime, a todos os homens e a todas as edades!

Vê esses milhões de almas contaminadas pela corrupção de uma só!

Vê esses mancebos pervertidos pelos livros, cujas paginas vertem o veneno do espirito.

Vê quantas donzellas immodestas pela leitura dos livros que lhes pervertem o coração!

Vê tantas mães chorando a perdição de seus filhos! Vê tantos paes envergonhados da infamia de suas filhas!

João, não é cara a immortalidade que custa tantas lagrimas e angustias? Desejas a gloria por este preço?

Não tremes, João, não te assusta a responsabilidade que te ha de pesar na consciencia por similhante gloria?

Crê-me, João, vive como se não tivesses feito tal descobrimento; encara a tua invenção como um sonho seductor, mas funesto, cuja execução sería util e santa se todos os homens fossem bons. Mas em geral são maus; e prestar armas aos malfeitores não é ser complice dos seus crimes?

Acordei horrorisado e duvidoso; hesitei por algum tempo; mas considerando que os dons de Deus, posto que muitas vezes sejam perigosos, nunca são nocivos; e que dar mais um instrumento á razão e á liberdade do homem, era abrir mais vasto campo á intelligencia e á virtude, ambas de origem divina, prosegui na execução do meu invento, a typographia.»

Tal é a lenda do sonho que teve o inventor da imprensa, segundo consta de um manuscripto da bibliotheca do conselheiro aulico Beck, e que tão ao vivo reflecte todas as controversias que tem havido sobre a liberdade da imprensa.

Traduzimol-a textualmente da versão feita por M. Garand, de Strasburgo, sem lhe alterarmos a ingenuidade do estilo, nem lhe fazermos nenhum commentario, porque todos quantos lhe juntassem, não acrescentariam um átomo á obvia intelligencia d'esta verdadeira prophecia.

Diremos porém algumas palavras sobre a vida de Guttenberg, seguindo os biographos que melhor a tem estudado.

João Gensfleich de Sorgeloch Guttenberg nasceu em Moguncia no anno de 1404, de uma familia nobre.

Moguncia, Worms, Strasburgo e outras cidades da Alemanha eram então umas pequenas republicas. Duas classes disputavam o poder, a fidalguia e a burguezia; o povo fluctuava entre as duas. Os dois partidos, alternadamente vencidos e vencedores, tinham continuas emigrações; os de Strasburgo iam para Moguncia e os de Moguncia para Strasburgo.

N'estas luctas, o joven Guttenberg, fidalgo de linhagem, combatia pela causa da nobreza. Quando este partido foi vencido, emigrou elle para Strasburgo. Pouco tempo depois, uma contestação de precedencias que houve nas ceremonias da entrada solemne do imperador Roberto e do arcebispo Conrado, excitando a antiga rivalidade das classes, motivou a deportação de alguns fidalgos, entre os quaes entrou Guttenberg, que tinha então dezenove annos. Sua mãe e suas irmãs ficaram na posse dos bens que tinham herdado, mas os de Guttenberg foram confiscados.

Nos dez annos que durou este exilio, foi que elle se deu a serios estudos, e que a sua attenção se voltou para um empenho mais glorioso que as honras vãs por que elle tinha combatido até alli.

Quando se fez a paz, Guttenberg não quiz voltar para Moguncia; sua mãe pediu á republica a restituição dos bens de seu filho, ou ao menos uma pensão alimenticia. A cidade recusou-lhe este subsidio, a pretexto de que elle ficava sendo considerado como inimigo da patria, por não querer regressar a ella.

Entretanto era tal a popularidade que Guttenberg tinha grangeado em Strasburgo, não só pelo seu talento, mas tambem pelo seu caracter, que quando o magistrado de Moguncia passou por aquell'outra cidade, foi preso pelo povo, que o não soltou em quanto o Municipio de Moguncia não restituiu a Guttenberg todos os bens que lhe tinha sequestrado. Quando re-

cebeu a herança paterna, foi que elle se dedicou activamente a pôr em effeito o projecto que tinha na mente. Percorreu a pé a Suissa, a Italia, a Allemanha e a Hollanda, onde as artes e as sciencias mais floresciam.

N'esta ultima viagem á Hollanda conheceu elle um sacristão da sé de Harlem, chamado Lourenço Koster. Este rapaz, que estava para casar, quiz fazer um brinde á sua noiva, abrindo a firma do nome de ambos, com um canivete, n'um pedaço de madeira de salgueiro ainda verde. Um dia notou elle, que as letras tinham ficado marcadas no pergaminho em que as embrulhára, porque sendo a madeira muito verde, a seiva que ainda vertêra tinha produzido aquella especie de impressão.

Alvoroçado com esta inesperada combinação, abriu nova chapa, untou-a de preto, e tirou n'um pergaminho a firma conjugal.

Mostrou Koster a Guttenberg este seu achado, que foi como um raio de luz para o meditativo allemão.

Foi então que Guttenberg teve o sonho que já relatámos, durante um somno febril de muitas horas.

Por este processo se começaram a imprimir algumas orações, primeiro o padre nosso, e depois outras.

É o que se chama impressão tabellaria. Mas d'este modo apenas se podia estampar uma pagina de cada vez, e o mesmo inconveniente tinham as chapas ou fórmas gravadas, a que se chamava impressão xylographica. O descobrimento estava incompleto. Guttenberg é que tinha nascido para crear a typographia.

Com esta primeira tentativa, partiu elle para Strasburgo, e ahi conseguiu, depois de muitos ensaios infructuosos, fundir as fórmas, como a stereotypia, e com ellas imprimir alguns textos.

Para estabelecer uma fundição de typos, e as mais officinas complementares da typographia, como lhe faltasse o necessario capital, fez uma sociedade com André Dritzehen, e João Riffe, ourives de Lichteneau. O povo julgando que tudo aquillo era obra de feiticeria, levantou-se contra o innovador, que foi obrigado a transportar a sua officina para o deserto convento de S. Arbogasto, de que já fallámos.

Foi ahi que elle inventou o instrumento complementar da sua invenção, o prélo.

Diz-se que a primeira prensa fôra feita por Conrado Saspach.

Como Guttenberg fizesse algumas outras tentativas e obras, sem dar conhecimento d'isso aos seus socios, entendendo estes que faltava assim ás clausulas do contrato, intentaram contra elle uma demanda que a final ganharam. Guttenberg perdeu grande parte do cabedal que metteu n'esta empreza, voltando para Strasburgo onde fundou, elle só, a primeira imprensa que houve n'aquella cidade.

Ahi mesmo foi perseguido pelos seus antigos socios, a pretexto de liquidação de contas. A justiça penhorou-lhe tudo, e o grande inventor teve que saír de Strasburgo, e voltar para Moguncia, pobre e fugitivo!

A Providencia concedeu-lhe então algum lenitivo a tantas angustias, o amor e o coração de Annete de la Porte, donzella que elle conhecêra desde a infancia, e á qual tinha feito promessa de casamento. Pobre e perseguido, Guttenberg não a queria encadeiar á sua desventura; mas Annette, vencendo todas as repugnancias da sua familia, e escutando só a voz do coração e do dever, obrigou Guttenberg a acceitar-lhe a mão, e associal-a ao seu destino. Foi a unica ventura que elle teve n'esta vida.

Depois de casado, em 1449, fez uma sociedade com Fust ou Faust, ourives e banqueiro, e com Schoeffer, tambem ourives. Esta sociedade foi dissolvida em 1455, formando-se depois outra só entre Fust e Schoeffer.

Os primeiros livros impressos tem a data de 1457; até então não lhe punham era, nem a terra em que se tinham imprimido.

Não se sabe, com certeza, qual foi a primeira obra que se deu ao prelo; mas infere-se do espirito religioso que n'este invento guiou a Guttenberg, que, provavelmente, foram os Psalmos e a Biblia.

Lamartine adoptou esta hypothese, quando disse: « É glorioso para a imprensa, tel-a inventado a religião e não a industria. »

Da Biblia attribuida a Guttenberg, damos hoje um *fac-simile*, tirado do magnifico exemplar que possue, como uma das suas maiores riquezas e raridades, a bibliotheca nacional de Lisboa.

Guttenberg, depois de dissolvida a sociedade que tinha com Fust e Schoeffer, da qual saiu despojado da sua gloria e dos seus haveres, retirou-se para Nassau, onde o eleitor Adolpho II o nomeou seu camarista e conselheiro de estado. N'esta cidade ainda imprimiu alguns livros. Seus filhos ahi lhe morreram todos, e depois sua mulher, perda que o anniquilou, porque fôra ella quem, pela sua ternura e dedicação, contribuira para lhe influir a perseverança heroica, sem a qual Guttenberg não lograria completar a grande obra, a mais util a que se tem applicado o espirito humano.

Como succede a quasi todos os inventores, Guttenberg, pobre e perseguido toda a sua vida, logo que morreu, não houve homenagem que se lhe não prestasse. Só então é que o seu invento foi avaliado, encarecido e applaudido com enthusiasmo. Não só muitos nobres, mas até reis e principes aprenderam a arte typographica; e a arte e os artistas gozaram dos privilegios da nobreza.

Quatrocentos annos depois da maravilhosa invenção, a 24 de junho de 1840, inaugurava-se em Strasburgo a estatua de Guttenberg, cinzelada por David d'Angers.

Nenhum monarcha teve ainda mais solemne cortejo. N'aquella cidade se reuniram todas as notabilidades typographicas, scientificas e litterarias. Perante o simulacro do grande descobridor se recitaram muitos panegyricos, e se leram extensas memorias. Durou o acto tres dias.

A estatua, cuja copia hoje damos em gravura, é de bronze, tendo nas mãos, e na acção de a patentear ao mundo, uma folha da Biblia, com este versiculo do Genesis, em francez: *Et la lumière fut*. (E a luz foi feita).

Os baixos relêvos do pedestal representam os beneficios que as quatro partes do mundo devem ao descobrimento da imprensa, dispostos pelo seguinte modo:

EUROPA

No meio do baixo relêvo, á esquerda do espectador, está Descartes, com a cabeça apoiada sobre a mão, em attitude de meditar. Por baixo Bacon e Boerhaave. Aos lados d'elles, Shakspeare, Corneille, Molière, Racine. Sobre o degrau inferior, Voltaire, Buffon, Alberto Durer, Le Possin, Calderon, Camões, Puget. Por baixo de Puget, Tasso e Cervantes. Por baixo de Durer, Milton e Cimarosa.

Á direita do espectador, Luthero, Leibnitz, Kant, Copernico, Goethe, Schiller, Hegel, Jean-Paul Richter, Klopstock. Proximo d'este quadro, Linneo e Ambroise Paré. Junto de um prélo, por baixo de Luthero, Erasmo, J. J. Rousseau, Lessing. Abaixo do degrau, Volta, Galileo, Newton, Walt, Papin. Um pouco mais abaixo, Raphael.

Um grupo de meninos a ler, entre elles um preto e um asiatico. O menino é symbolo das gerações.

ASIA

Junto de uma prensa, está William Jones e Anquetil Duperron, dando livros aos bramanes em troca de manuscriptos. A esquerda, Mahomoud II a ler o *Moniteur*, e perto d'elle um turco lendo um livro. Sobre o degrau inferior, um imperador da China com o livro de Confucio na mão; ao lado d'elle um chim e um persa. Um europeu ensinando meninos a ler. Um grupo de mulheres asiaticas ao pé de um dos seus idolos. Rammohun-Roy, celebre philosopho indiano, está no segundo plano.

AFRICA

Á esquerda, e junto da prensa, Wilberforce abraça com effusão um preto já possuidor de um livro. Alguns europeus, por traz d'elle, estão distribuindo livros aos africanos, e outros ensinando a ler os pretinhos.

Á direita, Clarkson desatando as mãos a um negro, e quebrando-lhe as cadeias. No segundo plano, Gregorio ergue um preto, e leva-lhe a mão ao peito. Um grupo de mulheres levantam os seus filhos ao ceo, que não cobrirá já senão homens livres. Por terra vêem-se muitos azorragues e cadeias.

AMERICA

Á esquerda, Franklin está tirando de cima da prensa o auto da independencia da America. Perto d'elle Washington e Lafayete apertam contra o peito a espada que lhes offerece a sua patria adoptiva. Jerson, e os que assignaram o auto da independencia, estão ao lado d'aquelles dois. Á direita Bolivar aperta a mão a um selvagem, e o convida a viver entre os homens civilisados.

Todas as corporações convidadas para a inauguração se reuniram na casa da camara, e se encaminharam para a praça onde a estatua estava ainda coberta, indo pela ordem seguinte:

As musicas de todos os regimentos da guarnição rompiam a marcha, com uma escolta que levava as bandeiras nacionaes. Seguiam-se os alumnos das escholas primarias; os aprendizes da sociedade animadora do trabalho da mocidade israelita; os alumnos da eschola industrial, os das aulas particulares, e os meninos orphãos com suas bandeiras; os discipulos do gymnasio, do seminario, da eschola normal, do collegio real; os estudantes da universidade com fachas de côr verde, carmesim, amarella, encarnada e roxa, indicando este distinctivo as faculdades de letras, de sciencias, de medicina, de direito, e theologia.

Seguia-se a bandeira dos typographos, com as armas que lhes foram dadas em 1450 pelo imperador Frederico III, e após esta a bandeira com o escudo de Guttenberg, indo atraz d'estas bandeiras os aprendizes de compositor, impressor e livreiro; e em seguida a estes todos os officiaes compositores e impressores, os livreiros e donos de typographia de Strasburgo, todos com uma roseta azul e encarnada na abotoadura da casaca, distinctivo da sua profissão.

Depois dos typographos iam as auctoridades civis e militares, os officiaes do estado maior, e os dos regimentos da guarnição, os membros do conselho geral do districto, do tribunal civil, e o do commercio, a municipalidade, o clero de todos os ritos, etc., etc.

Seguiam-se as deputações dos institutos scientificos, e as das cidades, repartidas com intervallos por toda a linha do cortejo. A academia franceza e a das sciencias moraes e politicas eram representadas por mrs. Dupin e Blanqui, ambos com a farda do instituto. As deputações dos typographos, impressores, fundidores e livreiros de Paris, de Lyão, de Nancy e do Rio de Janeiro, todos com as suas bandeiras.

Este cortejo compunha-se de mais de duas mil pessoas, marchando com uma regularidade admiravel.

Chegado que foi á praça, rodearam todos a estatua, que estava coberta com um véo branco e escarlate. Ao pé do monumento havia um prélo, caixas de composição, um aparelho de fundir typo, e um engenho de encadernar; logo que chegou o cortejo começaram differentes artistas a fundir typos, a compor, imprimir, alçar, e aparar um hymno expressamente escripto para aquella festividade.

Moguncia, onde a arte typographica teve o seu verdadeiro complemento, já levantou uma estatua a Guttenberg, para rivalisar com Strasburgo, que foi o seu berço.

FAC-SIMILE DA BIBLIA DE GUTTENBERG, QUE POSSUE A BIBLIOTHÉCA NACIONAL DE LISBOA

De todas as biblias latinas em folio, do seculo XV, sem data, paginação, reclamos nem assignaturas, e com todos os indicios que caracterisam os primeiros livros que se imprimiram, só uma d'ellas se julga ter sido impressa pelo proprio inventor, João Guttenberg, em Moguncia, nos annos de 1450 a 55.

Um magnifico exemplar d'esta biblia *princeps* possue a bibliotheca nacional de Lisboa, e d'elle tirámos o *fac-simile* que hoje apresentâmos para amostra, e como noticia de uma das mais raras preciosidades bibliographicas do nosso reino.

Foi comprado em 1805, por 700$000 réis, á casa de Borel, Borel & C.ª, mercadores de livros n'esta capital. Não consta dos registos da bibliotheca a quem pertenceu este exemplar, mas os srs. Boreis nos informaram de que seu pae a comprára em Paris, logo depois da extincção dos conventos em França.

A encadernação é de moscovia, e em dois volumes de folio magno, com caracteres gothicos.

Contém os dois volumes 641 folhas, com duas columnas; altura de cada uma 29 centimetros; largura 89 millimetros. Cada pagina tem 42 linhas. Os titulos dos capitulos e as letras iniciaes são feitas a pincel, com tinta encarnada e azul: as do começo de cada livro são floreadas toscamente, como bem mostra o *fac-simile*. O papel é excellente, e tem quasi o corpo e a consistencia do pergaminho.

Este exemplar da bibliotheca de Lisboa tem a singularidade de não conferir em numero de linhas, nas primeiras oito paginas, com nenhum dos exemplares das bibliothecas da Europa, descriptos por varios bibliographos, singularidade que não sabemos explicar. Se ao nosso descontarmos as tres primeiras linhas que damos em *fac-simile*, porque não são impressas, mas feitas á mão, com tinta encarnada, ficam 39 linhas, n'esta primeira columna, mas a segunda tem 42 impressas.

Brunet, no seu *Manuel de Libraire*, descrevendo varios exemplares d'esta edição, nota que as tres primeiras linhas de um d'elles *sont tirée en rouge*, o que induziria a crer que tambem eram impressas, o que não é provavel, porque todas as letras de côr eram pintadas pelos illuminadores, que, da mesma fórma, escreviam os titulos e os indices, á similhança dos manuscriptos, com os quaas se parecem os primeiros livros impressos.

Mas ainda que descontemos na primeira pagina as tres linhas manuscriptas, nas seguintes não ha que diminuir, porque são todas impressas.

A indole d'este jornal não nos consente fazer longas dissertações a este respeito. Aos bibliologos pertence averiguar este ponto.

Devemos notar, que se as tres primeiras linhas do *fac-simile* são manuscriptas, a quarta é impressa como os primeiros typos que inventou Guttenberg, ajudado por Schoeffer, e com este typo e egualdade está impressa toda a Biblia, compaginada e registada perfeitamente, como qualquer impressão de hoje.

Tambem se imprimiu esta biblia em pergaminho, da qual ainda se conhecem seis exemplares em differentes livrarias publicas.

Das que se imprimiram em papel, como a nossa, ha hoje dezenove exemplares nas bibliothecas da Europa.

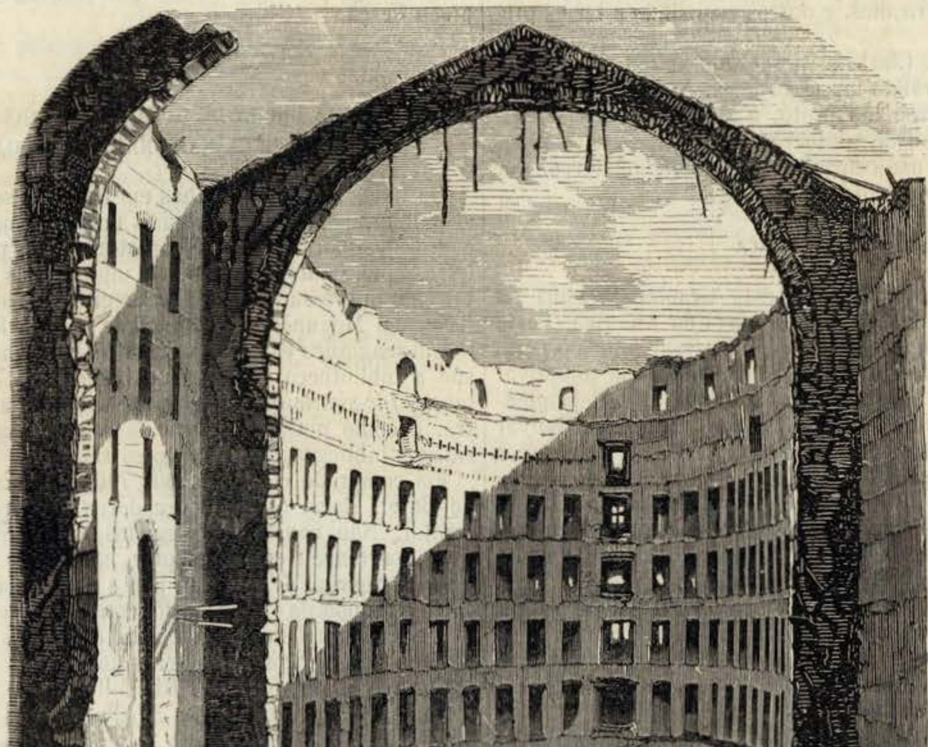
O preço d'este livro, monumento primitivo da arte typographica, e que parece levou cinco annos a imprimir, é dos mais subidos que se conhecem em bibliographia.

RUINAS DO THEATRO DO LYCEO EM BARCELONA

Barcelona, capital do principado de Catalunha, é a mais notavel e industrial cidade da Hespanha, e goza de tantas preeminencias, que el-rei Catholico se intitula sempre conde de Barcelona.

Tem esta cidade mui notaveis edificios, antigos e modernos. Um d'estes era o theatro denominado do Lyceo, construido em 1845, e incendiado na noite de 9 de abril proximo passado, com tanta infelicidade, que ficou reduzido ao esqueleto que representa a gravura que hoje publicâmos.

Nenhum theatro da Europa tinha uma sala tão



Ruinas do theatro do Lyceo em Barcelona

vasta, porque media 165 pés de comprimento, e outros tantos de largura, tendo, por consequencia, mais quatro pés que a do grande theatro da Scala de Milão, a maior que hoje se conhece na Europa.

Tinha 168 camarotes, e 1:400 logares de platéa. O salão, ricamente ornamentado, tinha 4:500 pés quadrados.

Trata-se já de o reconstruir, servindo as mesmas paredes mestras, que são solidissimas, assim como o resto que ficou de pé.

Dentro em pouco, Barcelona ouvirá alli outra vez as notabilidades lyricas e artisticas que por tantas vezes tem afamado o seu theatro, que é um dos brazões monumentaes d'esta cidade.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio.